

# A captura do movimento do discurso e a produção de sentidos: as entrevistas como dispositivo de análise na clínica fonoaudiológica

Rosana C. do N. Givigi\*

Flávia L. Alves\*\*

## Resumo

*Os discursos produzem a prática e, ao mesmo tempo, são produzidos com ela. Este artigo é um recorte de um trabalho de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe, curso de fonoaudiologia. Analisa como se constituem e se mantêm as significações e sentidos atribuídos aos sujeitos com alterações significativas de linguagem, para tal são utilizados alguns discursos presentes na família sobre esses sujeitos. A linguagem será concebida como produto da articulação entre exterioridade social e singularidade psíquica. Discute o discurso em sua dimensão social e seu eco com as enunciações alheias. A pesquisa é orientada pela interlocução com os princípios histórico-culturais e com o pensamento de Bakhtin, que ressalta o papel ativo do outro; num processo sempre bilateral, num dispositivo que se chama dialogismo. Resgatam-se os caminhos tomados para a formação de um grupo de pais na clínica fonoaudiológica e analisam-se as entrevistas iniciais como dispositivo para seleção desses pais. Considera-se que os discursos juntamente com as ações movimentam os sentidos e compõem novos cenários. Diferentes processos foram evidenciados, alguns com nítidos campos de aproximação, outros com distanciamentos, demarcando uma multiplicidade de formas de concretude. As mudanças de sentidos são efeitos de transformações nas práticas. Novas ações produzem novos sentidos e os discursos produzem a prática e, ao mesmo tempo, são produzidos com ela.*

**Palavras-chave:** *linguagem, relações familiares, produção de sentidos, análise do discurso.*

## Abstract

*This article is part of a research project developed at the speech therapy program in the Federal University of Sergipe. It analyses how the significations and senses attached to subjects with significant language disorders are constituted and kept. In order to do so, discourses about these subjects by family members are used. Language will be considered as a product of the articulation between social organization and psychic singularity. The article also discusses the discourse in its social dimension and its echo with other enunciations. Since it is oriented by conversations with historical-cultural principles and by the thoughts of Bakhtin, this study emphasizes the active role of the other, always in a bilateral process, through a device called dialogism. The article rescues the paths taken towards the formation of a group of parents in the speech therapy clinic and analyses the initial interviews as a way of selecting these parents. It considers that discourse, along with actions, change meanings and build new scenarios.*

\* Profa. Adjunto da Universidade Federal de Sergipe - Doutorado em Educação. \*\* Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica - PIBIC.

*Different processes were made more evident, some with clear approximation fields, others with detachment, delimiting multiple forms of concreteness. The changes of senses are effects of transformations in the practices. New actions produce new senses and the discourses produce the practice and, at the same time, are produced by this practice.*

**Keywords:** *Language, family relations, production of senses, discourse analysis.*

## Resumen

*Este artículo es parte de un trabajo de investigación desarrollado en la Universidad Federal de Sergipe, curso de fonoaudiología. Analiza como se constituye y se mantiene las significaciones y sentidos asignados a los sujetos con cambios significativos del lenguaje, son utilizados para ellos, algunos discursos presentes en la familia sobre esos sujetos. El lenguaje está diseñado como un producto de la relación entre la exterioridad social y singularidad psíquica. Analiza el discurso en su dimensión social y su eco con las enunciaciones ajenas. La investigación es guiada por la interlocución con los principios histórico-culturales y con el pensamiento de Bakhtin, que destaca el papel activo del otro en un proceso siempre bilateral, en un dispositivo denominado “dialogismo”. Se rescatan los caminos adoptados para la formación de un grupo de padres en la clínica fonoaudiológica y se examinan las entrevistas iniciales como un dispositivo de selección de los padres. Se considera que los discursos junto con las acciones mueven los sentidos y hacen nuevos escenarios. Diferentes procesos se ponen de manifiesto, algunos con tajantes campos de aproximación, otros con distanciamientos, demarcando una multiplicidad de formas de concreción. Los cambios de sentido son efectos de las variaciones en las prácticas. Nuevas acciones producen nuevos sentidos y los discursos producen la práctica y al mismo tiempo, se producen con ella.*

**Palabras claves:** *lenguaje, relaciones familiares, producción de sentido, análisis del discurso.*

## Introdução

Este artigo é resultado do trabalho de um grupo de pesquisa do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe. A pesquisa tem como objetivo analisar a produção dos sentidos atribuídos a crianças com alterações significativas de linguagem, por pais e familiares, e refletir como o “fazer fonoaudiológico” interfere na vida do outro. Para isso analisou-se os discursos presentes na família sobre esses sujeitos. Esta análise teve como ponto de convergência a formação de um grupo de pais.

A análise dos discursos não pode ser descontextualizada dos dias atuais. O mundo contemporâneo caminha numa velocidade onde não estamos seguros acerca das construções cotidianas e/ou científicas. Na busca de respostas muitas vezes nos aproximamos de verdades instituídas e cristalizadas, isso de certa forma aquietou a mente de tantas inconstâncias e de movimentos tão abruptos.

Porém a própria “vida” em suas contradições encarrega-se de balançar a quietude, ao retirar-nos

de um lugar tranquilo, remetendo-nos para uma construção não universal, mas histórico-cultural. Falamos de uma existência singular e de uma forma de aprender também singular. Como compreender, portanto, esse funcionamento singular? Que articulações são suscetíveis nesse processo?

Na sociedade alguns discursos se legitimam e se naturalizam sustentados em regimes de verdade que querem delimitar as regras da dinâmica social, facilitando a produção do assujeitamento para efeitos de dominação. Dentre as formas de dominação os discursos que naturalizam sentidos são fortes aliados. “Os processos de naturalização são aqui entendidos como mecanismos que agem pela via da des-historicização da ordem social e dos discursos que a sustentam” (Nardi, 2006, p: 166).

Nas famílias isso não é diferente, muitos discursos são naturalizados, como exemplo poderíamos citar: “meu filho não pode falar ou estudar, ele é deficiente, ou, não é possível ele ser independente, ele não fala”.

As relações de poder são definidas por um regime de verdade que coloca os sujeitos organizados de certa forma na estrutura social, dessa maneira a sociedade deixa de ser lugar de todos para ser lugar de poucos, dos poucos que se enquadram nessa estrutura. Será esse um caminho sem volta?

Partindo do princípio que os indivíduos podem se reorganizar e construir outras formas de se relacionar com esse regime de verdade, novas práticas podem ser inventadas, novos esquemas propostos. Que ações podem promover uma reflexão crítica que construa uma contra-cultura frente a sentidos cristalizados sobre a pessoa com alterações de linguagem? De que maneiras podem se constituir práticas reflexivas de forma que possamos aprender com os troços e com variadas experiências que são apresentadas pelos outros?

A análise do discurso pode nos ajudar a mudar as rotas, criar outras possibilidades de ver e ler as relações e a linguagem. Assim, é preciso observar que a língua não é tomada enquanto sistema abstrato, mas considera a produção dos sentidos dos homens na sua história. Há sempre um trabalho contínuo, num movimento incessante que envolve a história e o simbólico. Será o próprio discurso o elemento que trará identidade ao sujeito, colocando-o em determinada posição do dizer, possibilitando a troca de papéis e abrindo portas para a reedição de sentido e significantes, pela arte da interpretação do dito e do não dito (Orlandi, 2002).

Para isso, a linguagem será concebida como produto da articulação entre exterioridade social e singularidade psíquica (De Lemos, 2006). Desta forma, rompe-se com a indução positivista e com a idéia de conhecimentos rígidos e preestabelecidos. A linguagem passa a ser vista como atividade que seria produto da atividade intersubjetiva, com regras próprias de funcionamento.

Na linguagem existe um sistema simbólico, cujo acesso tem por implicação a passagem pelo imaginário, gerado pela ordem histórico-social, constituído num jogo infinito de relações. Nela o sujeito tem a possibilidade de se expressar no mundo e se constituir como sujeito, sendo a manifestação máxima da subjetividade (De Lemos, 2006).

Aqui o desenvolvimento lingüístico não será entendido como processo de aprendizagem ou de aquisição de conhecimento. As teorias que se dedicaram ao estabelecimento de estágios de desenvolvimento ou de conhecimento, na maioria, transformaram teorias lingüísticas em instrumen-

tais descritivos. A idéia é entender a construção da linguagem.

A construção da linguagem se dá nas interações. A criança deixa de ser sujeito passivo no processo de construção e passa a ser ativo. As ações e intenções comunicativas da criança são interpretadas pelo outro, a quem cabe a atribuição de significados. Dessa maneira, a linguagem é vista como sendo de natureza fundante do sujeito.

As questões apresentadas não podem ser pensadas pela objetividade, mas na tensão, no confronto com os diferentes trabalhos. Este texto tem como objetivo analisar as significações e sentidos atribuídos aos sujeitos com alterações significativas de linguagem, para tal foram utilizados alguns discursos presentes nas entrevistas iniciais com pais sobre esses sujeitos. As entrevistas, juntamente com outras estratégias, foram dispositivo de análise na seleção desses sujeitos para a formação de um grupo de pais na clínica fonoaudiológica. Ao longo desse texto o discurso da família se entrecruza com nossas análises e com nossos discursos, o desejo é que esse movimento aponte para a possibilidade de construção de novos sentidos para as pessoas com alterações de linguagem.

## Método

Este estudo foi realizado na Universidade Federal de Sergipe e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade conforme parecer nº. CAAE-0133.0.107.000-08. Todos os responsáveis pelos sujeitos envolvidos neste trabalho consentiram na realização desta pesquisa e na divulgação de seus resultados.

### *Seleção do material empírico*

Para contar a trajetória desse grupo iniciaremos com a seleção das famílias que participariam do trabalho. A seleção contemplaria oito (08) famílias que fariam parte do projeto. Para isso selecionamos oito crianças com alterações de linguagem para, a partir dessa seleção, formar o grupo de pais. Utilizamos uma lista fornecida pelo Centro de Referência em Educação Especial do Estado de Sergipe (CREESE) que continha o nome, o endereço, por vezes o telefone e o diagnóstico de crianças com alterações de linguagem. Cada criança chegou ao grupo com diagnóstico dado pela equipe do CREESE, que é formada por neurologista, fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogo e assistente social, portanto

todas as famílias tinham conhecimento do diagnóstico. Algumas famílias procuraram o CREESE por indicação do neurologista da Unidade Básica ou do hospital. Esse Centro de Referência não faz acompanhamento, apenas a avaliação inicial e os devidos encaminhamentos.

Todas as crianças eram acompanhadas por neurologista, variando a frequência. Das oito crianças a que esse trabalho se refere, cinco delas faziam acompanhamento Fisioterápico em instituição filantrópica. Não houve nenhum relato de trabalho de acompanhamento ou orientação sistemática à família.

Como era preciso definir os sujeitos, utilizamos como critério de elegibilidade a faixa etária de 0 (zero) a 5 (cinco) anos para criança e a alteração de linguagem apresentada em sua descrição diagnóstica. A definição da idade partiu da análise de que nas relações com crianças mais novas os sentidos estão menos cristalizados.

Após a seleção dos sujeitos na lista fizemos os contatos telefônicos com uma breve explicação sobre o projeto e um convite para fazer parte dele. A partir de uma afirmativa interessada agendamos um horário possível para a realização da segunda etapa: a entrevista inicial. Em tal momento esclarecimentos detalhados foram feitos a respeito do grupo, da sua constituição, do seu propósito e funcionamento; a fala dos pais a respeito dos seus filhos foi ouvida; cinco (05) encontros com cada criança foram agendados com o objetivo de conhecê-la, não mais pela fala dos pais somente, e descobri-la em seu movimento e atitudes; e uma visita domiciliar foi marcada para trazer informações mais aprofundadas sobre essa criança em sua realidade social e contexto discursivo.

A terceira etapa deste processo acontece com a devolutiva para os pais a respeito das nossas impressões e interpretações em um Relatório Fonoaudiológico entregue a eles após o nosso diálogo. Fizeram parte desse processo um aluno pesquisador, os responsáveis pela criança e a professora responsável. Sendo essa a última etapa, ela se encerra com a marcação do primeiro encontro do grupo de pais. Este texto não irá trabalhar com os dados dos encontros com as crianças, nem das visitas domiciliares, nem da devolutiva, apenas registramos os meios utilizados para a seleção das

crianças e para o processo de formação do grupo de pais.

Entretanto, este artigo será um recorte de um projeto que se integraliza em várias etapas. Aqui serão pensadas as entrevistas iniciais. A escolha se deve ao fato de serem as disparadoras do restante do processo. Em todas estiveram presentes a entrevistadora, uma aluna pesquisadora e a professora responsável. As entrevistas eram abertas e tinha apenas uma questão disparadora que era: “conte-nos sobre o seu filho”. Muitas vezes essa questão gerava perguntas por parte dos pais, como por exemplo, “falar o que? Ou o que ao certo vocês querem saber?” Cabe ressaltar que todos os familiares já sabiam que a entrevista faria parte de um processo de seleção e o objetivo final era a formação de um grupo de pais.

A partir desse momento apresentaremos as crianças e suas famílias. Ressaltamos a importância da captura do movimento para que possamos estudar o fenômeno em desenvolvimento. Entendendo o que se passa, isto é, o processo que está em constante transformação.

### *Descrição dos casos*

Gilvan<sup>1</sup> foi a primeira criança a fazer parte do nosso grupo e era a única que estava na escola regular. Gilvan tinha quatro anos e o diagnóstico de Distúrbio do Espectro Autístico. Esse diagnóstico foi dado quando tinha três anos pela equipe do CREESE. Ele não tinha irmãos, mas sua mãe estava grávida de uma menina. Morava com os pais no povoado Sobrado, um lugar pacato, com uma população pequena e localizado no município de Nossa Senhora do Socorro. Falamos com sua mãe por telefone, que demonstrou estar emocionada e nos agradeceu insistentemente por a termos procurado. Ela compareceu à entrevista acompanhada por seu esposo e pela criança, que ficou brincando com os carrinhos durante todo tempo. Esses pais demonstraram estar envolvidos com o filho e falaram da presença dos sintomas ditos característicos da patologia apresentada por Gilvan.

A primeira menina selecionada para participar do grupo foi Valéria. Ela tinha três anos de idade, e seu diagnóstico era Paralisia Cerebral. O diagnóstico foi dado pelo neurologista quando Valéria tinha dois meses. A mãe da criança, desde o primeiro

<sup>1</sup> Os nomes das crianças são fictícios.

telefonema, foi receptiva e mostrou-se interessada em participar do grupo. Ela veio acompanhada somente pela filha e transpareceu ter um cuidado excessivo e uma dedicação exclusiva para com a menina. Valéria reside com os pais e com os irmãos em uma casa localizada num lugar pobre, periférico e considerado o mais violento da cidade de Aracaju.

Maria é outra menina que reside nesse mesmo bairro com a mãe e a avó. Ela tinha um ano de vida e nasceu com alteração genética, com deficiência visual, e tem deficiência intelectual devido à toxoplasmose contraída por sua mãe durante a gestação. O diagnóstico foi dado por uma pediatra no primeiro mês de vida, após exames visuais e genéticos. Maria não foi registrada pelo pai, que nunca a conheceu. Ela era criada pela mãe e pela avó, que desde a primeira ligação foi quem se responsabilizou em combinar e agendar o dia e o melhor horário. Mãe e avó mantinham uma relação com embates constantes e perceptíveis desde o telefonema, onde se ouvia uma discussão das duas. Na primeira entrevista somente a avó compareceu por se julgar mais apta a falar da neta.

A entrevista de duas famílias foi agendada pessoalmente por uma aluna pesquisadora devido à ausência de telefone para contato na lista fornecida pelo Centro de Referência em Educação Especial. Uma família procurada pela pesquisadora foi a de Ana, uma menina de dois anos de idade com Atraso no Desenvolvimento Neuropsicomotor, resultado da Paralisia Cerebral. O diagnóstico tinha sido feito no CREESE, quando tinha um ano de idade. Ela não tinha irmãos e morava com seus pais, com os avós, dois tios e a bisavó materna. Todos moravam em uma mesma casa localizada no município de São Cristovão, região que possui cerca de 10.000 habitantes e é carente de saúde e saneamento básico. A mãe compareceu à entrevista com a filha e com uma prima. Ela não demonstrava medo ou angústia ao falar sobre a menina. Sua maior preocupação era com a ausência da fala, pois segundo a mãe, Ana não falava nenhuma palavra.

A próxima família também foi a de uma menina, Fernanda, com quatro anos, e o diagnóstico de Paralisia Cerebral. O diagnóstico foi dado pelo neurologista quando ela tinha um ano e dois meses. Ela nunca teve contato com o pai, que abandonou a mãe antes dela nascer. Fernanda morava com a mãe, com duas irmãs mais velhas, e com seus tios, em parte da casa cedida por eles, localizada também em São Cristovão. A mãe da criança não trabalhava

e sobrevivia, com as três filhas, da aposentadoria de Fernanda. Ela foi para a entrevista sem a menina e demonstrou ser uma mãe que, mesmo desconhecendo a patologia, sua causa e seus direitos, tentava suprir as necessidades de Fernanda com proteção e carinho.

A próxima criança que iremos apresentar é Wânia, uma criança com o diagnóstico de Distúrbio do Espectro Autístico e Epilepsia. O diagnóstico foi dado quando ela tinha três anos e meio pelo neurologista. Quando começamos o trabalho ela tinha quatro anos e estudava em uma escola para crianças especiais. Seus pais eram separados e Wânia tinha pouco contato com a figura paterna, que apenas fornecia ajuda financeira. Ela tinha um irmão, por parte de mãe, de 15 anos, com o qual não tinha muito contato porque ele morava com o pai. Wânia morava com sua mãe na zona norte de Aracaju. A mãe não trouxe Wânia para a entrevista, veio sozinha. Falou sobre a filha, sobre a patologia e sobre as dificuldades enfrentadas, parecia uma pessoa informada. No entanto, em cada relato seu, era perceptível a busca incessante da dita normalidade.

Carlos, um menino de quatro anos, com atraso na linguagem, foi selecionado para participar do grupo. Chegou ao grupo somente com a queixa de Atraso de Linguagem. Ele era o filho mais velho do segundo casamento do pai. Morava em uma casa pequena, no centro da cidade de Aracaju, com seus pais, sua irmã e a avó paterna. O pai e a mãe do garoto participaram da entrevista, aparentemente imbuídos de vontade de fazer parte do grupo de pais e do desejo de se comunicar com seu filho.

Marcos foi mais uma criança integrante do grupo. Ele tinha dois anos de idade e tinha diagnóstico de Paralisia Cerebral. O diagnóstico foi dado pelo neurologista com quatro meses de idade. Vivia com seus pais e com o irmão mais velho em um apartamento situado no bairro da região central de Aracaju. A mãe do garoto, desde o primeiro telefonema, demonstrou não só vontade e interesse, mas determinação em estar no grupo. Ela faltou à primeira entrevista, que foi remarcada e agendada para um outro dia, no qual ela foi representada pela cunhada. Sua falta e ausência foram justificadas por suas idas e vindas com ele em busca da realização dos tratamentos. E assim, em cada espaço, aparentemente vazio, se percebia e se sentia a forte presença da vontade da mãe em estar conosco em um permanente processo de (re) construção.



**Quadro demonstrativo dos casos apresentados no estudo**

Casos	Sexo	Idade	Constelação Familiar	Escolaridade	Diagnóstico
Gilvan	M	4 anos	Pai e mãe (mãe estava grávida)	Jardim- Educação Infantil	Distúrbio do Espectro Autístico
Valéria	F	3 anos	Pai, Mãe, irmã (1;6), irmão (9;3)	Maternal- Educação Infantil	Paralisia Cerebral mista, quadriplégica, severa
Maria	F	1 ano	Mãe e avó	Não estuda	Alteração genética, deficiência visual; deficiência intelectual
Ana	F	2 anos	Pai, mãe, avós maternos, dois tios e bisavó materna	Não estuda	Paralisia Cerebral Hemiplégia esquerda, moderada. Atraso no Desenvolvimento Neuropsicomotor
Fernanda	F	4 anos	Mãe, três irmãs (7, 9, 11 anos)	Não estuda	Paralisia cerebral mista, diplégica, severa
Wânia	F	4 anos	Mãe	Escola especial	Distúrbio do Espectro Autístico e Epilepsia
Carlos	M	4 anos	Pai, mãe, irmã (2;6) e avó paterna	Não estuda	Atraso de Linguagem
Marcos	F	2 anos	Pai, mãe, pai e irmão (6anos)	Não estuda	Paralisia Cerebral mista, quadriplégica, severa

M: masculino; F: feminino.

**Resultados e Discussão**

Seguindo a lógica das descrições feitas acima, apresentamos resultados e a discussão das entrevistas com os pais ou responsáveis por esses sujeitos. Os dados descritos acima também foram colhidos na entrevista inicial. Referimo-nos neste trabalho à captura do movimento do discurso, pelo entendimento que o discurso não é linear e mesmo na entrevista inicial ele traz a idéia de descontinuidade, heterogeneidade e de polissemia. Polissemia aqui entendida como a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (Orlandi, 2003: 38).

Para a análise das entrevistas foram consideradas as informações sobre situações cotidianas registradas pelas famílias. O fragmento das falas das entrevistas que aparecerão no texto foram escolhidos para que o leitor possa acompanhar as análises. O discurso foi nosso primeiro objeto de estudo, portanto cabe-nos explicitar o entendimento que daremos ao discurso. O discurso é constituído pela enunciação. Esse enunciado, para Bakhtin (2003), não é apenas uma frase, nem várias frases juntas; deve conter um sentido. É sempre realizado num determinado contexto e na interação verbal.

Não se produz um enunciado sozinho. Pressupõe-se que haja sempre uma relação, um diálogo. Diálogo, para o autor, não são apenas as relações de comunicação imediatas; envolve uma relação com outros tempos e espaços. Não se trata de um esquema elementar em que se tem o emissor, o receptor, o código e a mensagem, que funcionam como elementos lineares. O discurso, nessa concepção, não vê linearidade na disposição dos elementos da comunicação, pois todos estão realizando-se ao mesmo tempo. Assim, temos um complexo processo de constituição desses elementos e de produções de sentidos.

A enunciação é um ato de linguagem em que o sentido é sempre influenciado pelo contexto situacional, produzido numa relação de alteridade, que é da ordem do *entre*, de uma intersubjetividade. O enunciado sempre tem um autor. Por ser da ordem dialógica, é da ordem do sentido. O sentido sempre se constrói nas relações dialógicas. Ao discutir a natureza individual ou social do enunciado, Bakhtin (2003) afirma que o enunciado é quase sempre social. Ele se relaciona aos enunciados passados e também aos que lhe sucedem na cadeia de comunicação.

O discurso de uma pessoa carrega a memória de outros discursos. A atividade dialógica produz texto e gera outros textos, balança a estabilidade do dizer e do pensar, e é capaz de produzir outras formas de ver e analisar as questões relacionadas à prática cotidiana. Bakhtin atribui extrema importância ao discurso, afirmando que ele é constituinte do sujeito, que o outro é condição para o discurso e que o mundo da cultura tem primazia sobre a consciência individual. O discurso apresenta-se como uma forma de conhecer o ser humano, mas na sua condição de sujeito múltiplo, inscrito na história, no social e no cultural. É no entrecruzamento entre discurso, história e sociedade que os saberes se modificam.

Nesta perspectiva que faremos a análise das entrevistas. Os agrupamentos foram feitos a partir das regularidades encontradas no cruzamento das entrevistas, permitindo que dessemos visibilidade aos sentidos produzidos. As análises quantitativas serão apresentadas com o objetivo de caracterizar a ocorrência das regularidades nos discursos.

Nas entrevistas vimos que 50% dos pais (famílias de Valéria, Maria, Fernanda, Marcos) não verbalizaram a preocupação com a fala dos seus filhos. Esse percentual pode indicar uma dificuldade de ver as alterações numa posição linear de incômodos emergenciais, onde a fala não representaria uma prioridade, seria secundarizada e vista como consequência de alguma melhora do quadro como um todo, sem questionar a condição subjetiva da criança; ou não seria um fator preponderante na comunicação com seus filhos.

Em se tratando da constituição familiar, 62,5% das crianças convivem com a participação da figura paterna em seus lares (famílias de Gilvan, Valéria, Ana, Carlos, Marcos). Esse índice pode ser entendido como algo positivo na trajetória das crianças já que, na fala das mães, os pais atuam responsivamente da vida diária da criança, levando em conta que o aspecto orgânico por si só não é capaz de estabelecer as sequências e os percursos de desenvolvimento e, muito menos, de humanizar o bebê, a partir do nascimento (Maturama e Varella, 1995).

Duas dessas crianças, Valéria e Carlos, foram, no momento da entrevista, pontuadas pelos responsáveis como estando no centro familiar. O que significaria estar ou não no centro da família? Podemos analisar de diferentes formas. O fato de não estar no centro poderia levar a suposição de uma convivência familiar distante de preconceitos e

idéias estigmatizadas. Porém, as duas crianças que no discurso dos pais aparecem como sujeito não destacado na família, estão apagados pelo destaque dado a outro membro dessa família, como pode ser visto na fala abaixo.

Pai de Carlos:

“[...] é uma reação assim de aflição né... de querer que ele fale e tal, as coisas, porque a irmã dele fala um bocado de coisas e ele nada... aí as vezes quando (na rua) as pessoas perguntam, qual o seu nome, e ele calado, nada, mas a irmã ela sabe dizer, diz o nome das outras pessoas, dos colegas, dos vizinhos que brincam lá que vão pra lá brincar com eles”

Contudo, tais crianças estão em uma posição periférica, distante do centro familiar, devido a questões de relacionamento existentes nesse meio, que isolam a possibilidade de uma posição de destaque. Não analisamos que estar no centro ou não, por si só, delimite algo positivo ou negativo, mas a idéia é pensar os movimentos dessas famílias, suas regularidades.

A ocupação de lugares é comum nos grupos sociais e de trabalho, mas nessas famílias parecia que cada um tinha um papel tão rígido que qualquer mudança as desestabilizava, era como se nada pudesse sair do script.

A noção de papel que é aqui utilizada é aquela de que a Rede de Significações (RedSig) faz uso. Oliveira, Guanaes e Costa (2004), recorrem a Vigotski, Wallon e Bakhtin para discussão sobre o humano, destacando a natureza social do psiquismo e co-relacionando o afeto e a linguagem com as práticas sociais em geral. Não é o mesmo conceito de papel que veio sendo elaborado ao longo dos tempos pela Psicologia, mas o proposto por Oliveira, Guanaes e Costa (2004), que entendem o papel como formas de comportamento definidas culturalmente. Essas formas são em parte previsíveis, mas sempre há lugar para outras posições, porque as inter-relações fazem com que os papéis, ou posições, sejam dinâmicos.

Os papéis são dinâmicos pela natureza social do psiquismo, o indivíduo desenvolve-se a partir das práticas sociais. Esse psiquismo considera a situação concreta, o contexto e os papéis que o indivíduo ocupa. Nas interações sociais, nas experiências partilhadas, no confronto de posições, dinamizam-se os papéis.

No caso das nossas crianças, os lugares que ocupavam socialmente foram construídos, e se

referem, à forma como são desempenhados. É uma relação dialética, pela qual é atribuído ao outro uma determinada posição, que, ao mesmo tempo, é assumida pelo sujeito. Acredita-se que sempre haja a possibilidade de múltiplos posicionamentos e que os lugares não sejam fixos. Uma idéia de construção de papéis que seja dinâmica e que sirva muito mais para mudá-los do que para conservá-los<sup>2</sup>. No caso em tela, as crianças ocupavam uma variedade de papéis: o de quem é o centro das atenções da família, o de quem é apagado por outro membro da família, dentre outros.

É nas novas atividades de interação que se torna possível o distanciamento dos sentidos e papéis anteriormente ocupados e a construção de novas possibilidades de ações. Os discursos que as pessoas tomam para si tornam possíveis determinadas posições. No caso das crianças nessas famílias, existia uma história sobre o que é ser um sujeito com deficiência e com alteração de linguagem, como se deve agir com esses sujeitos, que atitudes tomar, tudo isso permeado pelas relações com interlocutores que estão no jogo das posições.

Para nós ficou claro que as posições precisavam ser mais dinâmicas. Era preciso um deslocamento dos lugares, pois, na maioria das vezes, não percebiam que conservavam esse lugar e permaneciam nele.

As posições que cada um ocupa em determinada situação e lugar não são construídas aleatoriamente. São conseqüências de experiências de repetição de episódios, de formas de agir e de narrar que já existiam na cultura. Essas posições têm relação com as ações e com as negociações que acontecem nas práticas discursivas, mesmo quando assumimos determinadas posições sem estarmos conscientes delas (Oliveira, Guanaes e Costa, 2004).

As autoras sugerem pensar o posicionamento a partir da “triade posição, força social, linha de história”, dando lugar a processos interativos e de significação dinâmicos. É nessa interação que se entrelaçam as diferentes linhas da história, que se estabelecem os confrontos, que os sentidos circulam, se oxigenam. Assim, os comportamentos que foram definidos culturalmente rabiscam papéis sociais que traçam atitudes ou maneiras de ser, que sempre podem dar lugar a formas mais criativas de

agir, especialmente se houver espaço no grupo para que isso aconteça.

Tendo como base teórica o enfoque sócio-interacionista, que evidencia a importância da mediação familiar e da interação social para a construção da criança e da sua linguagem, vários aspectos foram percebidos a partir da análise das entrevistas feitas.

Em 75% das famílias entrevistadas compareceram as idéias cristalizadas da deficiência, produzidas historicamente pela sociedade (famílias de Valéria, Marcos, Gilvan, Wânia, Maria, Fernanda). A idéia naturalizada da patologia como sendo uma anomalia que define, determina e reduz o percurso, ausente de surpresas e novidades, por essas crianças; e a edificação de uma preocupação excessiva e de um sofrimento constante. A compreensão de que seus filhos, embora muitas vezes não possam vocalizar/falar, tem desejos e sentimentos desvinculados da patologia, não é explicitada em fala alguma.

Fala da mãe de Valéria é um exemplo de como incorporamos rigidamente os conceitos:

“Por ela não andar, por ela não fazer o que os irmãos fazem. As médicas já dizem que ela tem muita força de vontade, que ela tem muitas chances, mas a gente fica assim com medo né?”

Eles não se permitem, através de um novo olhar, colocar seus filhos em outro lugar que não seja o de deficiência, um lugar não rígido que flutue entre deficiências e as potências. Nessas crianças, os defeitos são vistos como pertencentes ao indivíduo e por isso fica difícil percebê-los como passíveis de mudanças, são “um traço comum, sumamente difundido dos processos orgânicos, vinculados às leis fundamentais das matérias vivas” (Vigotski, 1997:41). Com isso, a existência delas fica restrita a uma condição desfavorável, e todo comportamento é justificado pela existência da alteração orgânica. A fala abaixo reflete a força imperativa do diagnóstico.

Fala da tia de Marcos:

“[...] ele gosta de dormir... ele dorme... bota ele na cama... [TR:IN]...não disse que quando nasce assim a criança gosta de dormir né?”

<sup>2</sup> Este conceito foi influenciado pelo conceito de Bergson (“élan vital” - vontade de criar), que destaca o caráter original e situacional do papel, que não é estável, pelo contrário, é recriado conforme a situação.



Apoiadas nas idéias de Leriche e Goldstein, e na teoria bergsoniana da desordem, que diz não haver desordem, mas a substituição de uma ordem esperada ou apreciada por outra ordem, e que tem de ser suportada, é que afirmamos que para tais famílias a diversidade subsiste como anomalia/anormal no discurso da normalização. Isso se apresenta quando os pais demonstraram ter dificuldade em ver e ler seus filhos sem estar em consonância com a deficiência e com sua natureza.

Nestas mesmas famílias onde compareceram as idéias cristalizadas da deficiência, também constatamos a força do diagnóstico em suas vidas e a dificuldade em considerar o filho, não idealizado como um novo sujeito. Devido a ideias socialmente engendradas e delineadoras do estabelecimento de uma nova relação, cuja atenção se concentra nos aspectos limitadores trazidos pela lesão. Elas expressaram a cultura da negação que agudiza o sofrimento calado e o substitui pela motivação.

Nelas, a resposta a essa realidade é a proteção excessiva e a movimentação frenética em busca de tratamentos reabilitatórios e de uma cura idealizada é, em cada narrativa, detectada. Os tratamentos, que minimizam os sentimentos de culpa e a impotência, aumentam a cada oportunidade, reproduzindo o discurso e a visão clínico-terapêutica de alguns profissionais da área da saúde que naturalizaram a homogeneização pela normalização, garantindo a supremacia abominável do seu saber (Vigotski, 1997).

Outro aspecto percebido em todas as famílias foi a necessidade de informação e apoio. A falta de conhecimento sobre a deficiência e diagnóstico do filho comprova a aceitação passiva de um prognóstico. Ela dificulta a compreensão de situações habituais em determinadas patologias, como uma dificuldade motora, aumentando e criando novas, e por vezes ilusórias e infundadas, expectativas; dificulta a quebra do paradigma da deficiência como sendo doença e invalidez e; dificulta a transfiguração do desconhecimento em experiência, e desta em uma vida singular.

Fala da mãe de Gilvan:

“assim... a gente procura cuidar dele assim... ficar pensando que se ele não tivesse nada... assim... que ele fosse uma criança normal entre aspas... neh? por que pra mim ele é normal...”

Devido a muitos conceitos balizados no saber médico, as limitações não são compreendidas por

elas como diferenças a serem compartilhadas; nem como uma vivência inédita, construtora de novas possibilidades; e sim como uma experiência intensamente dolorosa e com a prévia de estereotípias.

Apenas 2 (duas) das famílias entrevistadas têm seus filhos matriculados na escola e somente 1 (uma) inserida na rede regular de ensino. Em todas as outras famílias compareceu o desejo pela educação escolar. Tais dados indicam uma emergência em se pensar sobre a educação e a inclusão das crianças com deficiência no cenário escolar.

O princípio fundamental da inclusão social é o da igualdade de oportunidades e da educação para todos. Baseia-se no modelo social de deficiência, que tenta romper com o modelo médico, isto é, romper com a idéia de que a pessoa com necessidades especiais e sua família são responsáveis por seus problemas, buscando dividir com a sociedade a responsabilidade pelo desempenho de papéis sociais, no sentido de que as atitudes da sociedade necessitam mudar.

Portanto, tendo como base o convívio com a diversidade sem compartimentalização, para que haja inclusão, a sociedade deve entender que precisa modificar-se, a fim de poder atender as diferenças de seus membros. A escola inclusiva, na sua proposta, combate a discriminação, fundamentando-se na solidariedade e respaldando-se em princípios que ainda são pouco valorizados na sociedade. Parte do princípio de que é possível vivermos todos juntos com dignidade, exercendo a cidadania, apesar das dificuldades ou das nossas diferenças.

Em 1994, foi formulado o documento mais significativo para esse processo: a Declaração de Salamanca, resultado da discussão entre representantes do governo de 88 países e 25 organizações internacionais. Porém, os desafios da inclusão, nesse documento, estão estreitamente relacionados à forma de organização da sociedade e não somente a um alinhamento com a legislação internacional. Portanto, as leis ou acordos internacionais registram um determinado momento histórico e uma conjuntura política, que acompanha certa lógica globalizante induzindo a uma nova lógica de organização e administração do sistema produtivo. Essas novas estratégias globais modificam o modo de vida das populações e trazem mudanças no contexto educacional. O desenvolvimento humano passa a ter como condição básica a educação, mudam as noções de qualificação e competência profissional, que responde a uma política do capitalismo.

Muitos desses acordos “materializam-se em leis” (Kassar, 2006). No caso da educação brasileira, isso se refletiu de forma incisiva no que estava instituído, reforçado e legalizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), promulgada em 1996, que dedica um capítulo especialmente à Educação Especial, no qual reafirma os ideais da educação inclusiva, embora deixe brechas. Inegavelmente, a legislação é um importante instrumento para implementar ou mesmo sustentar programas de atendimento educacional, mas ela por si só não é capaz de garantir a inclusão. Porém a LDBEN, entre os diversos documentos oficiais que se referem ao atendimento às pessoas com necessidades especiais, também apresenta formulações genéricas, indefinidas.

Embora na sociedade exista um discurso a favor da inclusão, na prática isso ainda está se instituindo e é pouco vivenciado. Também na escola o discurso sobrepõe-se à prática. Construir práticas contrárias à segregação implica o trabalho com profissionais da escola, com pais, com as gestões governamentais, com a sociedade de forma geral, numa atitude de construção e (re)significação do lugar da pessoa com necessidades especiais (Jesus, 2002).

O desejo de inserir o filho em uma escola regular repercutiu em todos os relatos. Ele não parte de uma consciência racional nem realística de que a experiência escolar bem sucedida cria um espaço privilegiado de desenvolvimento ao possibilitar relações interpessoais, nas quais as funções psicológicas superiores podem ser vivenciadas de forma sistemática, mas de abstrações que otimizam a expectativa da cura, em uma busca incessante por ela.

Quando o assunto era a inclusão da criança na escola, aquela situação ameaçadora da ordem desejada e sonhada, que se apresentava na realidade das famílias envolvidas, dava lugar a uma coragem detentora de um poder, fortalecido pela esperança; para enfrentar o desafio positivamente, suscitando uma série de reflexões e a reconstrução dos sonhos desmoronados no momento do diagnóstico e da sua confirmação.

Os discursos têm os sentidos construídos e desconstruídos a partir das relações dialógicas, pois remetem ao âmbito social, isto é, o interdiscurso é o que vai constituir o intradiscurso, e não é possível dissociar o funcionamento discursivo

da relação com o discurso do outro. Por isso, para que possamos perceber os sentidos, é necessário entender o dialogismo que dá o contorno, que está em volta. Sempre existem confrontos entre os enunciados produzidos nesses diálogos, e eles são produzidos em determinado tempo histórico, que se relaciona com outros tempos, em determinado contexto cultural e social (Bakhtin, 2003).

## Conclusão

As entrevistas iniciais foram, para a pesquisa, importante elemento de análise dos sentidos atribuídos às alterações de linguagem. Também foram utilizadas para concretização da formação do grupo de pais. Através delas coletamos dados e os interpretamos, chegamos a sentidos produzidos e muitos deles cristalizados, mas também foi possível observar os deslizamentos. Na verdade, muitas histórias transformaram-se a partir dos olhares, a partir dos que viam, onde os sentidos formados ao longo da história funcionam como “lentes”.

As entrevistas nos ajudaram a chegar a outro objetivo da pesquisa que será a formação do grupo de pais. Ao longo do trabalho com o grupo de pais nossa tentativa será de bagunçar as peças, formando novas figuras, como num caleidoscópio. Não procuramos respostas exatas, nem verdades, nem uma história linear. Queremos conviver com as incertezas, com a multiplicidade de histórias.

Como pesquisadoras, foi importante o reconhecimento de que nosso olhar era apenas um dos olhares possíveis e que na práxis é que nascem as possibilidades de interpretações. No embate entre as nossas expectativas dos acontecimentos e o que era observado que os dados foram se constituindo.

Diferentes processos foram evidenciados, alguns com nítidos campos de aproximação, outros com distanciamentos, demarcando uma multiplicidade de formas de concretude.

Partindo dessas análises, da resignificação da linguagem a partir de novos enunciados e com o intuito de desvendar os mistérios, os ocultos e àqueles tão cegamente aparentes, trazidos nos sons, no silêncio e na (in)quietude pessoal, essa pesquisa continua a permutar os lugares para que as palavras se materializem e, com isso, transmutem os discursos eternamente inacabáveis. O movimento do discurso é o nosso ponto final.

## Referências

- Bakhtin M. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
- Bergson H. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes; 1990.
- Jesus DM de. Educação inclusiva: uma proposta construída na/pela prática. Cadernos de Pesquisa em Educação 2002 jun; 15: 93-141.
- Kassar MCM. Integração e inclusão: desafios e contradições. In: Baptista, CR (Org.). Inclusão e escolarização – múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação; 2006. p. 53-69.
- Lemos CTG. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. Boletim da Abralim 1982; 3:97-126.
- Lemos CTG. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In: Arantes L, Lier-Devitto MF. Aquisição, patologias e clínica da linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP; 2006. p. 21-32.
- Maturana H, Varela F. A árvore do conhecimento. Campinas: Editorial Psy II; 1995.
- Nardi HC. Naturalização do discurso liberal: riscos da privatização do público. In: Spink, MJ, Spink P (Org.). Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade. São Paulo: Cortez; 2006. p. 189-208.
- Oliveira ZM, Guanaes C, Costa NRA. Discutindo o conceito de “jogos de papel”: uma interface com a “teoria do posicionamento. In: Rossetti-Ferreira MC et al. (Org.). Redes de significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 69-80.
- Orlandi, ELP. A análise de discurso e seus entremeios. Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP) 2002; 42: 21-41.
- Orlandi, ELP. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes; 2003.
- Vigotski LS. Pensamento e linguagem. Lisboa: Antídoto; 1979.
- Vigotski LS. Fundamentos de defectologia. Madrid: Puebloy Educación; 1989. (Obras Completas, Tomo 5).

**Recebido em** maio/09; **aprovado em** novembro/09.

### **Endereço para correspondência**

Rosana C. do N. Givigi

Av. Augusto Franco, 3500, casa 55, Ponto Novo, Aracaju/SE,  
CEP: 49047-420

**E-mail:** [rgivigi@uol.com.br](mailto:rgivigi@uol.com.br)